branco da Casa, AUDIOLIVRO, 2003-2014

resguardo das Esfinges / declinações do Branco.
Livro-Poema de 83 páginas, organizado em 3 secções e num total de 7 partes |
N.º de registo de Direitos de Autor/ IGSC: 1783/2014 |
Escrito em 2003, viria a associar-se ao projecto de um guia de visita, criativo, ao Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, o qual nunca chegou a concretizar-se. O guia em causa resultaria da des-construção da obra pela criação fotográfica de Susana Paiva em torno de espólio e arquitectura do Museu |

Na presente Antologia, dada a extensão do Livro-Poema, opta-se por incluir apenas a primeira parte (das sete) na versão original em português — a qual integra a obra *no prelo El Sur del Corazón. / O Sul do Coração* |

"A Poesia como reino preservado da revolução permanente da realidade, a Poesia como "em si" e os poetas deuses-pastores desse novo Trianon são uma ficção.
A tentação é permanente de trocar os pés de argila pelas asas de plástico, mas o voo é imaginário.
O mundo onde passeiam é uma "noutra parte", uma "transcendência" ilusória, cujos muros são palavras magníficas mas exangues por terem perdido o contacto com o mundo como eles mesmos o perderam. (...)
A Poesia pode ser descrita como "encarnação sensível do Infinito no infinito" com uma condição: a de não fazer um em si, um Objecto, mesmo pensado como Deus, desse famigerado Infinito, mas de ver nele apenas o que ele representa para nós, a saber, "a própria existência humana, inobjectivável em sua essência".
Absurdo e inútil buscar no espaço a intuição sensível para preencher o conceito de Infinito.
Ela está mais próxima, tão próxima que não pode distinguir-se e o que nós chamamos vida humana é a face externa dessa realidade não-finita que nós somos. Esta não-finitude é todo o seu conteúdo.
Designá-la como Infinito é já perdê-la.
A Poesia exprime essa aproximação de nós mesmos que jamais pode ser perfeita por definição.
Mais poético, mais real."
Eduardo Lourenço, "O irrealismo poético ou a poesia como mito". In *Tempo e Poesia*. Lisboa, Gradiva, 2003: 57-66.

1.

pelo encantamento, essa mulher.

pelo enternecimento, voz pulsada a sangue, à mão.

pela austera brava marcha, filão da Luta

olhar aceso pelo tempo, corpo – agora – ileso.

pelo encantamento, essa mulher.

toada primitiva

e a caminho.

ombreira em movimento, cama lavada

rossio — pedonal, mediterrânico, índio, tribal —

pelo encantamento, falo. da mulher.

tem um caso sério com toda a causa humana, é um caso muito sério — do humano —
essa mulher

apresentas-te ao portão.
roças o batente, tocas a campainha, chamas pelo nome, bates palmas, assobias,
sem ousar o trilho branco da casa.

pela alameda clara cheira-te à madeira
ao ananás, a sucos de memórias, vinhos
a risos, brincadeiras e sustos
incabíveis em relatos, em molduras.
pela entrada da alameda ecoam aves, silvos
esvoaçam rosas, palmeiras, dálias frondosas
laranjas rolam-se em passadeiras doces
assomam olhitos negros, caracóis louros
morenos ombros mouros, mãos de mil dedos
carnudos
lábios da seiva que faz a sede de água
cálidas frases, palavras extremosas
— pela alameda que o portão franqueia
à entrada.

tem um caso com a bravura muito sério com a ternura.
é um caso muito sério do mundo
essa mulher.

sem ousares o trilho branco da casa
alguma folha estalará.
aqui e ali, uma pedra em banco te aguarda

a moeda de ouro benzida pela cigana
uma vela, a meio de ardida,
o jarro da água
a almofada tosca, de alfazema
a túnica lisa pousada
ao lado das sandálias e da taça onde a maçã se serve com passas e romãs.
sem ousares o trilho branco da casa
a cor, simplesmente, reconheces
à tua volta, a amendoeira em flor.
sem ousares o trilho branco da casa
de perfil, avista os cereais
de onde a floresta antiga se assegura
que a lonjura do areal — outra alameda —
te conduza ao oceano em mar.

2.

quando ousares o trilho branco da casa
não roces o batente, não batas palmas
não nomeies nem toques a campainha:
entra, simplesmente.
pelo portão.
quando entrares simplesmente, pela alameda, acerca-te, então, ao ventre do mundo
que, como outro, qualquer, todo o centro vivo,
(a alameda clara a que chegas, pelo portão)
abre-se em caminho de véus misteriosos
a todo aquele que entre
simplesmente.
como te acerques, também tu simplesmente,
ao trilho branco da casa ventre do mundo
abrem-se-te, também a ti, simplesmente, os caminhos de suspeitos Mistérios.
cuida, porém, de onde vais pondo os pés para não pisares fora das folhas secas:
evita o caracol, afaga o gato — o preto —,
teu lanho oferece à língua, ao mel do cão
observarás a corrida da gazela

paciente sejas à passagem da manada
saibas, do elefante, honrar-lhe o luto e o marfim.
para não pisares fora das folhas postas
(secas) para ti, na bravura da mulher
segue, simplesmente, a brisa dos véus
cuidando de jamais olhar para trás.
pela voz fraterna pulsada a sangue e à mão
pela austera marcha filão da Luta
olhar aceso pelo tempo
(mas teu corpo preso)
pelo enternecimento, pelo encantamento
escorada na coragem e na bravura
guiar-te-á — a fala dessa mulher – ao centro ventre do mundo vivo.
tu, como entres, simplesmente (com teu corpo preso)
cuidarás de merecer os véus suspeitos
pela Fala do Mistério, essa mulher.

3.

respeita, pois, para teu bom sofrer, a cadência, o balanço das Marés.
entrega-te, simplesmente, ao Som dos véus:
em austera marcha, teu corpo preso
reentra na escuridão brava e fraterna:
teu corpo preso confiarás, simplesmente,
ao Silêncio, o patrono das melodias
— o que quer dizer: confia-te ao Mistério.
poderás, assim, ver o tudo em cor — confiando simplesmente teu preso corpo:
pela austera marcha e o bravo olhar aceso
uma a uma – o Tudo Cor –, ganharás
as onze Rotações do Arco-Íris.

já teu olhar aceso. já imerso no silêncio,
por excesso, a sofreguidão sofrerás.
pela austera, corajosa e voz fraterna
confiarás, assim, teu corpo ao Sabor da vagem, Mistério da Comunhão.

guiado pela fala – pela mulher –
desde o portão, pela alameda
ao mundo vivo
tu, que entras,
pois ousas o trilho da casa
cuidarás, simplesmente, do merecer
— cuidar dos véus, auspícios do Mistério.

entregaste e confiaste teu corpo preso à cadência, às Marés — todas Silêncio –
às onze Rotações da Cor na íris
ao Sabor agridoce da vagem crua.

por teu bom sofrer deves ainda respeitar
a intensidade do claro respirar e o merecimento do poisar das mãos.

pelo encantamento
a teu corpo –agora – ileso,
o Mistério dos véus to consente. essa mulher.

confirmas pelo cheiro: salsa figos roxos
melancia tomilho e hortelã. e o rosmaninho, benção de trovoadas
— consente–to, pelo cheiro, essa mulher:
confia-lhe, tu, a respiração da cor.

guiado, desde o portão, pela alameda
prestes te está o centro vivo do mundo
— o que quer dizer: confia-te ao Mistério
ao trilho misterioso, véus da casa viva; ao ventre branco, ao vivo. essa mulher.
se assim cuidares e arriscares
cadências, passagens ao enternecimento

essa mulher — seu corpo ileso pelo tempo,
olhar aceso pela marcha, filão da Luta —

confiará, a teu corpo já ileso,
sua brava e sábia fala, saber do mundo
— o que quer dizer: entregará seu centro vivo
aceso a teu pulsar. à Comunhão.

pelo enternecimento no encantamento, entrega-se esse ileso corpo aceso
a teu pulsar
— o que quer dizer: à mão febril,
à tua já, simplesmente, doce mão.

4.

agora que no encantado enternecimento
pulsas teu caminho ao ventre vivo do mundo
nova demanda te espera
sem te buscar.
pensarias saber tudo sentir
e, ao pensá-lo, urgentemente ansiarias
no convencimento
largar tudo:
mais uma vitória conquista história a relatar
a parceiros (pelo convencimento, amigos)
a esses que deixaras entretidos no areal, à roda da fogueira
mal ateada no raso medo, na solidão.
pensarias – no convencimento –
ao portão, ali mesmo à entrada da alameda.

aprendes
tu, que ousas — que, agora — ousas o branco
aprendes a cadência das Marés,
o Silêncio. da Vagem, a crueza.
da Cor, a respiração. do ventre, o trilho.
e os onze nomes dão-te o Olhar colado à Vida.

aprendes

de olhar aceso, de corpo ileso
(porque é intenso, a pulsar, o centro do mundo na Vossa mão)
aprendes a primitiva toada
o movimento da ombreira
peregrina
aprendes. tu: confiado ao Mistério
aprendes o encantamento (o filão da Luta —
que a voz fraterna é pulsada em sangue. e à mão.).
pela austera marcha original, arriscas
aprendes, compreendes e mereces
aceder ao instante, pelo olhar
— e acedes ao aceso instante do tempo.

senta-te, cómodo, no balouço branco.
recosta-te, e aos ombros, na túnica, no algodão
mergulha os pés a trança e, de vez em quando,
uma ou outra mão no azul, o sal da água
pois comungaste o ventre vivo do mundo.
recosta-te no algodão do colo ileso
refresca-te, toma água da jarra
dispõe a almofada, acende o círio
enternecidamente, guarda a moeda
— prende-a ao nó de cordel, ao fecho da estopa onde se secam os pés de alfazema
e, no intenso aceder ao recordar
avistando, de perfil, os cereais
escuta a voz do Silêncio mais antigo,
Consentimento da Vida, do Mistério.

[Bètera, Txalapartak (Valência), 31 julho a 6 agosto e Madrid, 7 agosto de 2003]

IN 'A História: Comunhão, Consentimento, Intimidade', Parte I da obra: 2013.
resguardo das Esfinges. declinações do Branco: pp. 9-22 | N.º de registo de Direitos de Autor/ IGSC: 1783/2014 |
Data de Apresentação Pública e da Leitura Encenada criada a partir do Livro-Poema: 24 Outubro / 2013 |
O resultado final é acessível em: https://youtu.be/4MKocqFWUac?si=fhlQKPBLTp6ft1aY |

2022. ***Hoje, as casas...***
Poema em 6 Línguas: Tradução Graciosa de Sandra Guerreiro (Inglês); Natália Nunes de Bonnaud (Francês); Stefania Di Leo (Italiano) e Katrin Pieper (Alemão) |Edição comemorativa dos 25 anos de carreira literária limitada (31 exemplares), numerada e assinada |
O poema original foi escrito em Castelhano em 2007 – versão corrigida por Mirén Ariño – e de que foi feita a versão Portuguesa em 2022 |
Livro que foi Oferta da autora aos seus Editores, Comentadores e Tradutores ao longo do quarto de século de partilha da escrita |

hoy las casas buscaron a las gentes

las tejas, avistando al lunar poniente
se apresuraron a despertar noche y sueño
dónde sus gallos y gallinas / reposaban.

despacito / se descerraron las ventanas
contraventanas, pasillos y balcones.
viejas maderas llamaban a su brillo
y esos destellos se abrazaban a los muebles
nuevos de esplendor: frescura matinal.

más perezosas/ blancas, las paredes
se hundían en las sábanas blancas
hasta que el viento, llegado de la mar,
les susurró con ternura: "¡buenos días!"
siempre despiertas en madrugadas continuas
las escaleras/ anchas de placer
se inclinaron en danzas ancestrales
e invocaron el lazo del alto al bajo.

en este instante cuántico eterno
todas las casas se han echado al camino
pacientemente cumplían su destino
pues sabían lo mucho de mucho mucho
que tendrían que andar y andar y andar
hasta que algún humano paso humano
convergiera./ en su camino.
[Maria Toscano. Versión castellana. Coimbra, Portugal: 12 / enero, 4 / febrero. Revisión: Mirién Ariño]

hoje as casas foram à procura das pessoas

as telhas, avistando o luar poente
apressaram-se a acordar noite e sonho
aonde os galos e as galinhas / dormiam.

devagarinho / abriram-se janelas
portadas, corredores e varandas.
velhas madeiras chamavam pelo seu brilho
e essas centelhas abraçavam-se aos móveis
novos de fulgor: frescura matinal.

mais preguiçosas / brancas, as paredes
fundiam-se pelos lençóis brancos
até o vento vindo do lado do mar
lhes segredar com ternura: “bons dias!”
sempre acordadas em contínuas madrugadas
as escadas / cheias de prazer
curvaram-se na dança de modas ancestrais
e invocaram o laço do alto ao baixo.

nesse instante quântico eterno
todas as casas se puseram a caminho
pacientemente cumpriam o seu destino
pois sabiam o muito de muito muito
que teriam de andar e andar e andar
até que algum humano passo humano
convergisse. / no seu caminho.

[Maria Toscano. Versão Portuguesa: Figueira da Foz, Portugal, 7 / Maio / 2022.]

Aujourd'hui les maisons partirent à la recherche des gens

les tuiles, en apercevant la lune couchante
s'empressèrent de réveiller nuit et rêve
où les coqs et les poules / dormaient.

doucement / s'ouvrirent les fenêtres
volets, couloirs et balcons.
de vieilles boiseries appelaient leur lueur
et ces étincelles enlaçaient les meubles
d'un nouvel éclat : fraîcheur matinale.

plus paresseuses / blanches, les cloisons
se fondaient dans les draps blancs
et le vent venant côté mer
chuchota tendrement : “bonjour !”
toujours éveillés en aubes successives
les escaliers / comblés de plaisir
se courbèrent dansant des formes ancestrales
et invoquèrent le lien du haut au bas.

à cet instant quantique éternel
toutes les maisons se mirent en chemin
elles accomplissaient patiemment leur destin
car elles savaient ô combien et combien combien
elles allaient devoir cheminer et cheminer et cheminer
jusqu'à ce qu'un humain signe humain
converge. / sur leur chemin.

[Tradução para o Francês: Natália Nunes Bonnaud, 2022]

today the houses went looking for the people

the tiles, seeing the sunset moonlight
hurried to wake up night & dream
where the roosters and hens / slept.

slowly / windows were opened
doors, corridors and balconies.
ancient timbers called out for its glow
and those sparks clung on to the furniture
new sparkles: morning freshness.

lazier / whiter, the walls
merged with the white sheets
until the wind coming from the sea
whispered to them tenderly: “good morning!”
always awake in continuous dawns
the stairs / full of pleasure
bowed as they danced in antique fashion
and performed a loop from top to bottom.

in that eternal quantum instant
all the houses were on their way
patiently fulfilling their destiny
because they knew a lot of a lot lot
that they would have to walk and walk and walk
until some human step of a human
joined the flow. / along the way.

[Tradução para o Inglês de Sandra Guerreiro. Agosto, /2022]

oggi le case cercavano le persone

le piastrelle, avvistando la luna occidentale
si precipitò a svegliarsi notte e sognare
dove riposavano i loro galli e galline.

lentamente / finestre chiuse
persiane, corridoi e balconi.
vecchi boschi chiamavano la loro luminosità
e quei bagliori hanno abbracciato i mobili
nuovi di splendore: freschezza mattutina.

più pigre/ più bianche, le pareti
affondavano nelle lenzuola bianche
finché il vento, proveniente dal mare,
sussurrò loro teneramente: "buongiorno!"
ti svegli sempre al mattino presto ininterrottamente
le scale / piene di piacere
si inchinavano in danze antiche
e invocò il legame dall'alto verso il basso.

in questo eterno istante quantico
tutte le case sono state gettate sulla strada
compiendo pazientemente il proprio destino
perché sapevano quanto di tanto
che avrebbero dovuto camminare e camminare e camminare
fino a che qualche umano passo umano
arrivasse nel suo cammino.

[Tradução para o Italiano: Stefania Di Leo, 2022]

heute haben die Häuser sich Menschen gesucht

die Ziegel, den untergehenden Mond im Blick
weckten eilig Nacht und Traum
dort wo Hähne und Hühner / schliefen.

ganz allmählich / öffneten sich Fenster
Läden, Flure und Balkone.
alte Hölzer riefen nach ihrem Glanz
und die Strahlen umarmten die Möbel
in neuer Pracht: Morgenfrische.

eher träge / weiß, die Wände
verschmolzen mit den weißen Laken
bis der Wind vom Meer gekommen
zärtlich ihnen flüsterte: „guten Morgen!“
stets wach und im Aufbruch des Tages
die Treppen / voller Genuss
wanden sich im Tanz der Ahnen
knüpften das Band zwischen oben und unten.

in diesem ewigen Quantenmoment
machten sämtliche Häuser sich auf
und folgten geduldig ihrem Los
denn sie wussten wie weit weit und weit
sie laufen und laufen und laufen mussten
bis ein menschlicher Schritt eines Menschen
ihren Weg. / kreuzen würde.

[Tradução para o Alemão de Katrin Pieper 15 / Setembro/ 2022]

البيوت اليوم...

البيوت اليوم كانت تبحث عن البشر

القرميدات، تكشفُ عن القمر الغارب
مندفعة لتوقظ الليلة والحلم
حيث ديوكها ودجاجها/ يستريح.

ببطء / انفتحت النوافذ
المصاريع والممرات والشرفات.
دعا الخشب العتيق سطوعه
وهذه الومضات عانقت أثاث
الروعة الجديد: نضارة الصباح.

كسولة/ بيضاء، الجدران
غرقت في الملاءات البيضاء
حتى تأتي الريح من البحر،
وتهمس لها بحنان: "صباح الخير"!
تستيقظ دائماً في الفجر الممتد
السلالم/ واسعة من المتعة
انحنت في رقصات قديمة
واستدعت الرابطة من أعلى إلى أدنى.

في هذه اللحظة الكمية الأبدية
كل البيوت مضت في الطريق
محققة مصيرها بصبر
لأنها تعرف الكثير والكثير الكثير
بأن عليها أن تسير وتسير وتسير
حتى تلتقي/ في طريقها
ببشر أو بخطوة بشرية.

[Tradução para o Árabe de Abdul Hadi Sadoun, 2022]

fue contigo que aprendí los árboles.

todavía en el huevo.
me paseabas al borde del matorral, a lo fresco del rocío - 'cacimbo' -
cuando la Selva, materna, recogía a todos sus hijos
en chillidos a los saltitos en píos revoloteando carreras silenciosas cerca de las hojas
en regresos rastreros à la humedad y en brazadas casi sumergidas
visibles solamente por las bocazas negras
o los remolinos
sospechosos
de gran porte.

Guinea fue mi primera tierra.
me di cuenta más tarde.

justo por las soberanas lianas hojas y hojas
ramas y ramas y ramos y troncos y
obeliscos eternos de madera imberbe y fósil paciente tan paciente.

de Guinea he traído en el huevo
nostálgicas historias sobre la llanura
tu niñez penosa laboriosa y explotada y
solitaria.

un muchacho de 11 años
mandado a la madrugada de los kilómetros
a pie
campos recorridos casi a oscuras, no fuera la luna,
à lluvia al frío y al miedo
un niño de 11 años recién salido de la escuela
a quien la varonil voz (¿del padre? ¿de la dictadura?)

prohibió elegir el oficio
de manos
oficio de manos fascinadas por la madera.
“barbero, sí. carpintero, ¡no!”
tú, tú te mantuviste fiel a los árboles
a los olores a las venas y a los miedos
ya que nacieras para desbravar caminos.
tu signo confirma tu libertad / la tuya, siempre firme,
libertad de hombre nacido en enero
en el 25
de un año de tiempos uniformes y miedos pardos
la misma fecha en que los claveles
mucho más tarde pero mucho a tiempo, habían de
florecer.
des las armas, también,
y de las mismas armas a las que te dedicaste
por la consciencia que nos ensenã el llamado de tu tierra
la consciencia de la justicia de la ineludible voz certera
liberta, ya que solidaria.
así fue que te has encontrado hombre
(así que nadie más podía prohibirte ser tú mismo)
elegiste seguir la vida de las armas
con la consciencia que el llamado de la tierra nos enseña.

cualquier tropa / a excepción de la ‘PIDE’.
tu vida de armas te acercó de las personas
e te hizo aún más sabio incisivo contundente, exacto en un solo vistazo.
un simple vistazo para leer a cualquiera hasta el fondo, los adentros.
me di cuenta más tarde, justo
por la soberanía de tus leyendas lapidarias.
sí, una leyenda te bastaba
para resumir a ese vistazo.
tu vida de armas te acercó de las personas
de la tropa, a excepción de la ‘PIDE’

te guio, merecidamente, a los calabozos de la policía política
en ese tiempo en el que, por fin, se desmanteló a esa trabe
bozal
de nuestra historia.

en esa tarea fuiste hombre de la consciencia / de la justicia / de la ineludible
voz certera liberta, ya que solidaria.
así fuiste ascendiendo
más que en las bazas jerarquías de la vidita
fuiste ascendiendo al tope de la nobleza
a muy pocos reservada
y siempre vedada a los *ridicula vitae* del Poeta Sena.

mientras tanto
siempre que la ida hacia al Sur se imponía,
inaplazable regreso al origen una llanura llana amplio horizonte,
ibas recordando hablando contando apuntando formas de hojas
anotando historias de frutos
subrayando estilos de crecimiento pujanza
de los árboles.

afortunadamente la vida te trajo hacia fuera
del Sur
(me di cuenta más tarde)
te obligando a ese ejercicio de la memoria compartida de las leyendas de los cuentos mágicos
para que jamás jamás olvidaras a los árboles.
en esa lucha solo has descansado
al plantar frente à la ventana
en suelo urbano
presuntamente destinado a flores urbanas
las plantas. los árboles tuyos.
los vecinos (que acá se llaman condominio)
cuando les hablastes de cultivar el terreno cerca del edificio aceptaron sin hesitar
imaginando, así lo comentábamos después,

caléndulas y otras floraciones
tan preciosas en las jarras urbanas.

nada de eso prometiste.
hablaras de cultivar *el terreno que estaba abandonado y era un crimen*.
y fue con asombro, mucho, con mucho asombro
— por no percibir ni entrever nada de lo que ibas sembrando
cuidando regando
mirando
feliz —,
fue con asombro que han visto emerger
lechugas coles perejil y cilantro, patatas y
tus árboles:
el peral.
el mandarino.
el limonero
todavía hoy rebosante de frutos
amarillos y jugosos como agrios.

pronto el asombro se quedó por ahí y no llegó a volverse en desacuerdo
pues toda la plantación estaba adornada con hileras de jardín
lirios jarros rosas y más flores rurales y urbanas
bellas lozanas bellas coloridas
porque tenían como compañía tus manos
sabias en encargarse de árboles.
pero — y solo me di cuenta más tarde —
otro fue el motivo por el cual el asombro no se convirtió, de hecho, en enfrentamiento:
tu ofertabas las cosechas.

la dádiva revertió el asombro en gratitud.

la dádiva desprendida / regada por la consciencia de la justicia ineludible
liberta y amable, ya que solidaria.

así eras. fuiste siempre así.
(en la gestión de los comedores militares, repartías por todos los víveres sobrantes
a diferencia de tus predecesores en el cargo: los vendían a los colegas.
para ganancia. personal.)

siempre así fuiste:
celoso de tus haberes.
amoroso con el universo.

un gato que asomase merecía tu sonrisa y la frase de convocatoria:
miso / miso / miiiiiisooooo
un pajarito, el simple gorrión. ordenaba tu parada
extasiado / en contemplación.
amoroso con todo
lo que está haciendo girar el universo.

me di cuenta de eso / mucho mucho más tarde,
padre.

fue contigo que aprendí las leyendas. y el humor
imprevisto (para devenir humor).
todavía, hoy mismo (me di cuenta mucho más tarde)
amo a tus leyendas amo a tus armas florecidas.
amo a las plantaciones urbanas y a las del Sur.

y amo
y cada vez más
a los árboles.

me legaste los árboles de todo el mundo.

por eso, allá de tuyas son mías

justo por no ser mías

justo porque jamás van a poder ser mías

justo por saberlo bien, ahora:

al igual que tú,

padre,

un día,

yo voy con los árboles.

[Escrito en Portugués en Coimbra, 'Café Trianon'. 18 Julio/2011 |
Edición de la Autora: Maria Toscano/SulMoura © — ISBN: 978-989-98756-2-3 | Coimbra, 2013 — en Portugués como Libro de Autor: 2 ejemplares numerados y firmados 2+1 | Versión al Castellano: Figueira da Foz 25 enero - fecha de nacimiento de su padre: https://drive.google.com/file/d/1eu_THnp8tMVl3o3lOfj8mNHeEzkPLhr1/view?usp=share_link